

# ENQUANTO DURA A CARNIFICINA

## II. FINS E RESULTADOS DA GUERRA

Compreendo a impaciência generosa, a necessidade de actividade, a ardente esperança que velaram a visão de certos camaradas nossos—e admiro os que, voluntários, foram arriscar a vida, pois é sempre de admirar quem se sacrifica por uma causa que julga boa. Mas o respeito e a admiração que por eles sinto não me impedem de lamentar o infundado das esperanças de uns, a inutilidade e o dano do sacrifício dos outros.

Que pode produzir na presente guerra a vitória duma parte ou da outra? Que pode produzir tam importante que induza revolucionários a juntarem-se aos elementos mais retrógrados dos respectivos países, livres pensadores a confraternizarem com os padres, socialistas e sindicalistas a deixarem no olvido os antagonismos de classe, antimilitaristas a pedirem a um governo que chame as fleiras os cidadãos e os obrigue a irem para a guerra, anarquistas a colaborar com o Estado?

Dizem que esta guerra resolverá a questão das nacionalidades.

Nós somos cosmopolitas. Para nós a questão da independência chamada nacional só tem importância como questão de liberdade. Queremos que cada grupo humano possa viver nas condições que prefera e tenha a liberdade de, á vontade, se unir aos outros grupos ou deles se apartar; consideramos, pois, ultrapassada no terreno das ideias a questão de nacionalidade, que aliás vai sendo igualmente ultrapassada no terreno dos factos pelo internacionalizar-se dos interesses económicos, da cultura e das relações pessoais e de classe.

Mas compreendemos que nos países em que o governo e os principais opressores são de nacionalidade estrangeira, a questão da liberdade e da emancipação económica se apresenta sob as vestes de luta nacionalista, e simpatizamos portanto com as insurreições nacionais como com qualquer insurreição contra os opressores. Nesse caso, como em todos os outros,

estamos com o povo contra o governo. Mesmo quando nos parece que absolutamente não vale a pena combater uma luta que se resolverá numa simples mudança de amos, inclinamo-nos ante a vontade dos interessados. Assim, se Trento e Trieste sentissem de veras necessidade de trocar o cacete dos Habsburgos pelas algemas dos Sabóias, alegrar-nos-ia que o conseguissem, quanto mais não fosse, para não tornarmos a ouvir falar disso e para vermos tantas belas energias dedicarem-se a lutas mais proficuas.

Portanto, embora nos pesasse que os vários problemas nacionais fossem resolvidos por meio de soluções de governos e não por obra de povos, reconhecemos que seria um bem resolver de qualquer forma questões que obstruem a estrada do progresso e distraem tanta gente das verdadeiras lutas pela emancipação humana.

Mas o facto é que nesta guerra uma questão de nacionalidade pode ter sido a scintilla que inflamou o material incendiário preparado há muito e para outros fins; pode ter sido um pretexto e é um meio para entusiasmar os ingénuos e desviar a atenção pública das razões e das miras da guerra; mas certamente a independência nacional dos povos é o último dos cuidados dos que dirigem a guerra e não de decidir da paz.

Com razão se grita contra a Áustria infame, que obriga os povos sujeitos a combaterem em defesa dos seus opressores. Mas porque se calam quando a França constrange os argelinos e outros povos a ela submetidos a deixarem-se matar por ela? Ou quando a Inglaterra leva ao matadouro os indianos?

Quem se há-de lembrar então de libertar as nacionalidades dependentes? Porventura a Inglaterra, que logo no começo da guerra aproveitou a ocasião para agarrar Chipre, o Egipto e tudo o que pode? Porventura a Sérvia, que quer anexar tudo o que tem alguma relação com a nacionalidade sérvia, mas segura a Macedónia, mesmo com risco de ser atacada

pelas costas? Porventura a Rússia, que onde põe o pé, na Galícia ou na Bucovina, suprime até a sombra de autonomia concedida pela Áustria, proíbe a lingua do país, trucidou os hebreus e persegue os scismáticos uniatas? Porventura a França, que, nos mesmos dias em que celebrava a vitória do Marne contra os invasores teutónicos, mandava chacinar os «rebeldes» marroquinos e incendiar-lhes as aldeias?

Eu compreendia o entusiasmo dos socialistas e dos anarquistas por uma luta que, não sendo embora a nossa luta, tivesse um certo carácter de generosidade e sinceridade. Tinha compreendido o entusiasmo, se a França e a Inglaterra (da Rússia nem sequer falo), chamadas á consciência do direito pela prepotência germânica, tivessem declarado independentes os povos a elas sujeitos, solicitando em seguida a ajuda delas na luta contra a hegemonia tedesca e pela independência nacional de todos os povos. Mas ide-me lá falar de semelhante projecto aos homens de governo, a Sir Eduardo Grey, a Lord Kitchener, a Poincaré, e andareis com sorte se vos não meterem num manicómio.

Dizem que os anglo-franco rusos combatem pela civilização.

Mas, enquanto com razão estigmatizam os horrores cometidos na Bélgica e na França pelo exército alemão, calam ou desculpam, e ás vezes exaltam, os horrores iguais ou piores que os russos praticam não só nos países invadidos, mas até na Polónia russa. E com a sua propaganda de ódio cego, não só contra os dirigentes da política alemã e austro-húngara, o que seria justificado, mas contra um povo inteiro, uma raça toda, vão criando nas tropas anglo-francas tal estado de alma que faz tremar á ideia do que sucederia se um dia conseguissem pôr os pés na Alemanha.

Dizem que esta é uma guerra pela liberdade e que a própria Rússia se tornará liberal... depois da guerra. Entretanto, sem falar da Rússia, onde é mais feroz do que nunca a perseguição contra os partidos avançados e a opressão das nacionalidades subjugadas, vemos que a França e a Inglaterra se vão rapidamente russificando com a supressão das menores liberdades e do menor direito de crítica, com o desenvolvimento do espírito militarista, com o engrandecimento do poder clerical.

Assim, o público habituado a obedecer e a calar, e fica o caminho aberto a todos os regressos reaccionários.

Apesar da evidência dos factos muitos homens de boas intenções, e entre eles até alguns camaradas nossos, continuam a entender que esta guerra é de libertação, uma guerra de que resultará o desaparecimento, ou pelo menos uma grande redução do militarismo, assim como um arranjo da Europa conforme ás aspirações dos vários povos, de modo que a paz internacional seja garantida para sempre ou por muitíssimo tempo, podendo assim os elementos progressivos dos respectivos países consagrarem-se á conquista da liberdade e da justiça para todos, sem receio das interrupções e retrocessos causados pelas guerras. E fazem projectos sobre o que deverá decidir o próximo congresso, imaginando que os seus desejos e votos terão influência sobre as deliberações dos chefes d'Estado, seus generais e diplomatas.

É uma ilusão generosa, mas tóla (perdoem-me a palavra).

O próximo Congresso da paz será, como foram todos os congressos d'esse género, um mercado em que os poderosos disporão dos povos como de rebanhos. Vença uma parte ou outra, o resultado total será um aumento de tirania, um desenvolvimento maior do militarismo, um despertar de todas as forças reaccionárias.

Nas questões internacionais, como nas questões de política interna dos diversos Estados, o único limite á prepotência dos dominadores é a resistência que o povo

sabe opor. E o povo até agora tem-se deixado conduzir docilmente á matança, e não soube fazer coisa melhor aquela fracção do povo que, ufanando-se duma consciência de classe e professando um ideal de justiça, teria o dever de dar o exemplo e a orientação á massa.

Era preciso a todo custo impedir a guerra.

Em vez disso, os social-democratas alemães, a quem mais do que a ninguém competia tal dever por serem os mais fortes e por ter o seu governo tomado a iniciativa do ataque, traíram vilmente a Internacional e puseram-se quase unânimemente ao serviço do Kaiser.

Os socialistas franceses e belgas não souberam fazer coisa melhor do que imitar os alemães e solidarizar-se com os governos e com a burguesia dos seus países.

E assim aconteceu que se atingiu um fim diametralmente oposto áquele que o socialismo e a Internacional tinham em vista. Em vez da confraternização dos proletários de todos países na luta contra os opressores, voltou-se aos ódios de raça e de nacionalidade e abandonou-se a luta pela emancipação.

Agora seria necessário que os proletários armados dos diversos exércitos combatentes confraternizassem entre si e dirigissem contra os opressores as armas que empunham.

Mas podemos esperar isto, quando os socialistas e sindicalistas dos países beligerantes se apressaram, quase todos, a esquecer-se de socialismo, sindicalismo, luta de classe, fraternidade internacional, para se mostrarem bons súbditos, bons soldados, bons patriotas?

Sou talvez pessimista demais. Pode também suceder que do excesso do mal venha o bem... Pode dar-se que o cansaço, o horror da guerra e as misérias por ela produzidas determinem uma insurreição que mude completamente o estado de coisas.

Há já sintomas de resipiscência, e os revolucionários deveriam estar alerta para aproveitar os ensejos possíveis.

Mas em tal caso não venham os guerristas dizer-nos que a guerra é um bem. Dela derivaria um bem, mas só por haver quem era ou se faz adversário da guerra.

Assim na Itália. Sem a guerra europeia que mudou o curso dos acontecimentos, a expedição á Líbia, com as suas desastrosas consequências estava para produzir um bom efeito, sendo um dos factores que tinham pôto a monarquia á beira do abismo. Mas isso porque os subversivos italianos, não tendo embora conseguido impedi-la, a ela se tinham mantido irreduzivelmente hostis. Se tivessem seguido os conselhos dos poucos (também os havia então) que diziam: «já que não podemos fazer a revolução, façamos a guerra», teriam aceitado a responsabilidade das culpas da monarquia e não teriam tido autoridade para falar ao povo dissipada a embriaguez guerreira.

Londres, 26 de Março de 1915

ERIBICO MALATESTA

## Notas de perto

### III

Meu Caro C.

Porque em via de regra só gosto de falar dos mortos para lhe citar as boas obras ou seguir os bons exemplos, desculpe-me se hoje te falo de alguém que já morreu e cujas obras para mim não foram muito louváveis. Disse-me-me um dia que, dentro dos limites que a sua profissão impunham, ele fora um homem afável e bom, de quem nada havia a dizer; e um correspondente de Londres, para o Século de 15, chamou a este homem «o vulto prestigioso» que «prestou relevantes serviços á sua pátria», que ele «hoje é um simbolo» e que nos cartazes convidando ao alistamento, está o seu retrato com estas singelas palavras: «Ele fez o seu dever; fazei vós tambem o vosso.»

Trata-se de Lord Roberts; sabes, tu, alguma coisa a respei-

to das suas boas qualidades e relevantes serviços?

Para te certificares das suas boas qualidades lê o extracto que a páginas 17-19 de *The Queen's Daughters in India* está impresso, extraído de uma circular-memorandum por ele enviada a todos os postos militares quando, na Índia, foi comandante em chefe:

«Nos basares regimentais é necessário haver um sufficiente número de mulheres, tendo o cuidado de que sejam bastante atraentes, fornecendo-se-lhes casas próprias, e, sobre tudo, insistir sobre os meios de ablução». ««e os soldados novos estão cuidadosamente avisados das vantagens da ablução, esperando evitem os riscos de se associarem com mulheres não reconhecidas pelas autoridades regimentais».

Que me dizes d'este prestigioso Lord Roberts tratando do fornecimento de material humano? O comandante do 2.º batalhão dirigiu, ao magistrado no posto de Umballa, a seguinte requisição para mulheres atraentes para o basar regimental de acôrdo com a circular 21 A:

«A condução destas mulheres em um cavalo de Umballa para Solon, será paga, á chegada, pelo regimento de Cheshire. Faça favor de mandar mulheres atraentes e novas». Outro co-

mandante escreveu: «Não, ha mulheres suficientes; não são atraentes. São precisas mais mulheres e mais novas». «Outro comandante escreveu tambem: «Ordenei que o número de prostitutas aumentasse com mais dôse, e já dei especiais instruções para que quatro delas sejam mulheres novas e de aparência atraentes».

Vês como a civilização europeia se espalha, ás ordens dum «chefe prestigioso», por todos os recantos da Índia Britânica? A propósito desta immoralidade do militarismo, Lord George Hamilton disse na Câmara dos Comuns, em 25-1-1897, «que a admisão total no hospital por doenças venéreas entre as tropas indianas subiu em 1895 até 522 por 1.000; e que o numero de homens fóra do serviço devido a estas doenças era de 46 por 1.000 e por dia».

Ah! meu caro, como só os aliados representam a civilização e como os teutões são bárbaros!

Como os inglezes escolheram um respeitavel idolo que incitasse os ignorantes a morrer pela pátria!

Mas eu te contarei mais, do idolo prestigioso.

Lisboa, 26-4-1915

Teu

H. QUESÁRIO

## Uma encicla sobre a guerra

Benedito XV lançou enciclica sobre a guerra e acha que parecem chegados os dias do supremo cataclismo anunciado por Cristo. Quem diria, exclama ele, que esses homens tam encarnicados uns contra os outros são descendentes do mesmo pai e seres participantes da mesma natureza e da mesma sociedade humana!

Mais abaixo vereis que o supremo bonzo romano não considera tam pouco irmãos e socios iguais esses filhos do mesmo pai...

As causas da guerra são, na opinião do pontífice, as seguintes: 1.º o esfriar da caridade; 2.º o desprezo da autoridade; 3.º o antagonismo das classes; 4.º o desejo de senfreado dos bens temporais.

Pareceria, pois, que o papa, á maneira dos anarquistas, devia pedir a abolição das classes, a comunicação das riquezas, o fim da exploração e tiranização do homem pelo homem. Só assim, com efeito, suprimidas as causas de luta e antagonismo, de cubica e de inveja, poderiam os homens apaziguar-se sólida e definitivamente e a «caridade» livremente florir e expandir-se.

Mas não. O magno sacerdote pretende que subsistam as classes trabalhadores e parasitas, exploradores e explorados, opressores e oprimidos,—e roga hipócritamente que o lobo devore com caridade o cordeiro e que o cordeiro se deixe passivamente devorar pelo lobo.

E assim proclama aos crentes ingénuos:

Aquelles a quem a fortuna ou a actividade própria trouxeram alguma abundancia de bens vêm levantar-se contra eles os proletários e operários azedados pela malevolência ao pensamento de que, participando da mesma natureza, não se acham entretanto na mesma condição que eles. Uma vez imbuidos das teorias mentirosas dos agitadores, ao menor gesto de quem lhes tem o costume de se curvar inteiramente (ó bon! diz isto o chefe infalível da Igreja dos dogmas e das obediências passivas), quem poderia persuadi-los de que da paridade de natureza não deve seguir-se necessariamente que todos os homens obtenham a mesma situação na sociedade, mas que a condição de cada um deve ser a que ele adquiriu com seus talentos quando não é impedido pelas circunstâncias? Assim os menos afortunados que lutam contra os ricos, como se estes delivesssem a parte dos bens alheios, não pecam sómente contra a justiça e a caridade, mas violentam a própria razão, tanto mais que poderiam tambem, com honesta concorrência no trabalho, alcançar uma condição melhor se assim quisessem.

Um velho filósofo, bem inspirado, disse um dia, aliás sem grande esforço de observação nem de intelligência, que «um homem de coração e de espirito só por acaso pode enriquecer». É uma verdade banal e palpável, conhecida até pelos não-filósofos. A miséria é a ignorância andam estreitamente aliadas; e quanto mais longo, pesado e fastidioso é um trabalho, mais mal remunerado é ele, mais miserável e ignorante é quem o desempenha e menos provabilidade tem este e os filhos

de sair da sua condição. É assim que riqueza é fruto da «actividade própria».

«É mais fácil ganhar o segundo milhão do que o primeiro milhão», diz com acerto a sabedoria das nações. Os que enriquecem a valer, ou o devem á herança á fortuna, diz o papa, com linguagem vaga ou mitológica...—do mesmo modo que os reis herdam a corôa, sejam embora míseros abortos físicos, morais ou intellectuais,—ou o devem ao trabalho... dos outros, na razão directa do número de salarizados ou escravos modernos ás suas ordens.

A Igreja, hoje como sempre, defende a escravatura e finge ignorar ou encobrir que uma das injustiças sociais consiste precisamente em não poder cada um, na sociedade actual, desenvolver as suas faculdades e aptidões, dar applicação aos seus «talentos». A desigualdade não está na diferença de situação, mas no «ponto de partida», nos meios e condições de desenvolvimento e de vida.

Verdade seja que o pontífice romano fala em *circunstancias* que impedem os homens de adquirir a condição adequada aos seus talentos... Ora as tais *circunstancias* resultam precisamente do facto de «deterem os ricos uma parte dos bens alheios»; ou antes, os meios de produzir; do facto de, por isso, regularem a produção em seu proveito exclusivo; do facto de obstem ao desenvolvimento e applicação completa de queles meios productivos.

Se a riqueza universal fosse de todos e administrada por conta e em proveito de todos, se a produção fosse regulada, não pela ganancia duma minoria interesseada da raridade do produto e na elevação dos preços, mas pelas necessidades reais de todos, não veríamos terras incultas, nem braços deocupados, nem máquinas inactivas, nem fábricas cerradas, nem matérias primas e materiais de construção inaplicados, nem produtos sem saída ou destruídos, enquanto os pobres pedem trabalho e carecem de tudo—pão, vestuário e abrigo com sufficiência.

Se assim não é, como explicas tu, santissimo padre, esses absurdos e contradicções da economia capitalista?

O santissimo bonzo não explica coisa alguma. Apenas diz estas profundas palavras: «Não precisamos de repetir aqui os argumentos que refutam com evidência os erros dos socialistas e outros do mesmo género».

Como há-de, porém, o pobre homem refutar o socialismo se ele não sabe o que isso seja?

Este grande doutor da Igreja merecia ficar reprovado no mais simples exame de economia politica, se ao examinadores fosse dizer o que impinge aos pobres de